



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

FREDERICO GUILHERME COUTINHO ABATH
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

Entrevistado - Frederico Guilherme Coutinho Abath (FG)

Entrevistadores - Antônio Torres Montenegro (AM)

Data: 03/04/1996

Local - CPqAM

Duração - 56min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ABATH, Frederico Guilherme Coutinho. *Frederico Guilherme Coutinho Abath. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e Memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães* 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 15p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Lembranças da Infância; a relação familiar; comentários sobre as conversas acadêmicas dos pais; a opção profissional; lembranças da vida escolar; o ingresso na universidade; a residência médica em cardiologia; a incorporação ao CPqAM; o vínculo com a Fiocruz; a vida científica; o doutorado em Londres; o retorno ao Brasil; as áreas de interesse para pesquisa; comentários sobre o doutoramento e a ciência na Inglaterra; o nascimento das filhas; comparação entre o trabalho científico nos dois países; a chefia de departamento no CPqAM; comentários sobre a Fiocruz e a pesquisa no CPqAM nos anos 1990; a separação dos pais e os irmãos; lembranças da infância; a viagem dos pais para os EUA; a reforma da casa da família; o casamento do pai e os novos irmãos; observações sobre as classes sociais e sua relação, quando criança, com crianças pobres.

Fita 1 - Lado B

A primeira experiência sexual; o namoro; a consciência política e a ditadura de 1964; a perseguição aos seus pais; a cultura, música e artes na década de 1960 e comparações com a atualidade; seu gosto musical; as leituras recentes; comentários sobre seu avô materno.

Data: 03/04/1996

Fita 1 – Lado A¹

Introdução: “...” - Coutinho Abath...para o projeto de resgate da memória da História do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães.

AM - Aggeu Magalhães...Dr. Frederico quais, que memórias, que lembranças o sr. guarda da época de infância? Que fatos, que acontecimentos lhe foram marcantes?

FG - Bem, Montenegro, durante toda a minha infância eu morei sempre aqui em Recife, naquela área de Casa Forte, Parnamirim e arredores, sempre naquela região, né? E já fica difícil pra mim recordar alguns fatos da infância mesmo não sendo tão velho assim. Mas uma coisa que é curiosa que diz respeito talvez também a carreira que eu segui posteriormente; é que eu sempre fiz parte e convivi no meio acadêmico- científico, porque, minha mãe e meu pai, casados na época, depois se separaram, eles eram ambos parte da comunidade científica, eram professores, ensinaram na universidade e eu sempre tive aquele contato, né? Tive acesso aquelas conversas relacionadas a aluno, a ciência, pesquisa, aquela intelectualidade científica e acadêmica. (int) Esse convívio seguramente deve ter me influenciado... na decisão mais tarde de vestibular e entrar na universidade, eu me lembro, por exemplo, que ambos eram patologistas, né? Mas é, depois da separação, em alguns fins de semana livres, papai às vezes gostava de nos chamar, eu tinha mais dois irmãos, mais um irmão do meio e o outro nasceu depois, então íamos eu e Carlos, meu irmão do meio mais novo do que eu, ver algumas autópsias que ele ia fazer em cadáveres, então ele colocava a gente na audiência e ia fazendo o trabalho dele e explicando: “Esse cara aqui teve essa doença, não sei o que” ... e a gente aprendeu.

AM - Com quantos anos isso?

FG - Mais ou menos com... eu tinha 14 ou 15 anos de idade, né.

AM - Já assistia autópsia?

FG - Então já assistia autópsia né, já era uma coisa que mais ou menos fazia parte da vida da gente. Também com relação a minha mãe né, ela também desde muito cedo se incorporou ao Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães e algumas vezes ela me pegava na escola e me levava ao trabalho, né? E eu tinha a oportunidade de ver aqueles equipamentos que eles utilizavam, o microscópio, né? Então seguramente isto me influenciou bastante no que se refere a decisões profissionais né.

¹ Legendas:

(?) - trechos, expressões ou palavras ininteligíveis ou inaudíveis

(...) - pausas curtas durante a entrevista

(...) (...) - pausas longas durante a entrevista

(int) - interrupção da gravação

italico - palavras ou expressões citadas em língua estrangeira

“aspas” - citações, títulos de obras ou palavras inexistentes oficialmente

Durante a vida escolar eu sempre fui bastante dedicado, né? Embora eu sempre mantinha uma certa versatilidade que até surpreendia alguns colegas de classe, né? Porque geralmente ou a pessoa era estudiosa ou era da farra, né? E eu conseguia conciliar mais ou menos as duas coisas, então eu estudava o suficiente para tirar nota muito alta, eu participava dos jogos de futebol, eu gostava um pouco de farra também, de conversar com o pessoal que era mais da pesada mesmo, então eu sempre mantive esse lado assim multifacetário e era difícil o cara me rotular porque eu tinha várias faces. Chegando a época do vestibular...

AM - Vamos voltar à infância, vamos voltar - ao período primário quando as coisas...(?). Estudasse o primário!...

FG - Eu estudei no, no; inicialmente, estudei no Instituto Capibaribe, que eu acho que ainda existe na rua das Graças, né? Na parte mais inicial; acredito que nos cursos equivalentes ao ginásio, eu já fazia parte do Colégio Nóbrega da Soledade e lá eu fiquei até o científico, não fiz cursinho nem nada, e fiz vestibular para medicina e de fato entrei para o curso de medicina em 1976, me formando em 81, né? Já naquela época talvez, a influência daquele ambiente acadêmico, né? Já tinha algumas consequências, né. Durante o vestibular eu fui o segundo lugar no vestibular, no curso de medicina eu acabei como laureado do curso de medicina e na classe havia mais ou menos 120 pessoas, né? Então ao me formar em 81, eu estava inclinado na ocasião a fazer cardiologia. Eu sempre pensei em universidade e vida acadêmica, mas naquela época eu estava direcionado para fazer cardiologia e de fato cheguei a fazer seis meses de residência no Instituto de Cardiologia Dante Pasanese em São Paulo. Mas achei que não era exatamente aquilo que eu queria, né? Embora houvesse aspectos muito interessantes daquela profissão que eu estava iniciando naquela época de 70... 82 por aí, então não completei o curso de residência e voltei em 82, 83. Surgindo a oportunidade de eu me incorporar aqui ao Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães que não funcionava nesta sede, mas funcionava no Espinheiro. Então me incorporei através de um projeto... não havia muita segurança no início porque na verdade eu não era funcionário efetivo, né? Eu comecei como biotécnico que exigia já graduação, mas não era da carreira de pesquisador... E posteriormente houve a possibilidade de incorporação e absorção pela Fundação Oswaldo Cruz e eu passei a ser funcionário da Fundação Oswaldo Cruz em 1983, né? A partir daí eu fazia parte do laboratório de imunologia sob a chefia do Alexandre Bezerra de Carvalho. E a gente estava engajado no projeto que visava identificar antígenos estratégicos, como era assim chamado o projeto, né? Visando o diagnóstico de doenças de interesse regional. Bem, a partir daí, então começou uma nova vida profissional para mim, né? Eu havia feito o curso de medicina e tinha sido treinado para fazer determinadas coisas e a vida de pesquisador exigia um *"background"* um pouquinho diferente, então eu comecei a me preocupar com a formação, né? E a partir desse... de 83 eu me engajei sucessivamente em curso de especialização em saúde pública, posteriormente um mestrado em bioquímica pela Universidade Federal de Pernambuco e finalmente em 89 eu me casei e segui para Londres para fazer meu curso de PHD no Instituto Nacional de Pesquisa Médica de Londres, né? E concluí esse PHD em 92, né?

Isso resume a minha vida, assim, acadêmica e minha trajetória né. É claro que durante esse período a outras coisas e motivações colocadas, por exemplo, quando eu comecei eu tinha uma dependência muito grande do grupo porque eu estava iniciando, mas é logo cedo eu queria mais coisas em termo de produção científica e foi necessário caminhar caminhos meus mesmo, então por essa época o laboratório de imunologia... ele começou a se fragmentar no sentido de cada um tava procurando linhas de pesquisa mais afinadas com as suas motivações, então eu, inicialmente, trabalhei com doença de Chagas porque achei era mais próximo de cardiologia, porque a doença, uma das formas

da doença de Chagas dá acometimento cardíaco, né? Então eu trabalhei por alguns anos em doença de Chagas e “tripanossoma Cruzi” a nível experimental, né? Isso antes do mestrado, durante o mestrado eu mudei a minha linha de pesquisa, então comecei a me interessar pela parte de imunologia e pela parte de proteínas e trabalhei com outro modelo de doença, a peste bubônica causada pela “iacínia Pestes”. Então na minha vida científica vão tá lá, e vários trabalhos publicados aparecem nesses dois períodos da minha vida, tanto trabalhando com tripanossoma Cruzi como posteriormente trabalhando com a “iacínia Pestes” principalmente com a “iacínia Pestes” eu notei também que durante o mestrado, né? O nível das minhas publicações tinham aumentado, eu tava publicando em revistas melhores do que eu estava publicando no início, né? No doutorado eu mudei mais uma vez a linha, então eu comecei a me diferenciar... meu interesse pela imunologia continuou, mas eu comecei a me diferenciar para a parte de biologia molecular parasitária e engenharia genética e o modelo mudou também eu passei a trabalhar com o “esquistossoma Mansoni” que causa a esquistossomose. Então minha tese de doutorado foi exatamente isso, né? Caracterizar o gene, que é o material genético que caracteriza proteínas, né? Um determinado gene do schistosoma Mansoni que codifica uma proteína que fica na superfície do parasita. Esse foi o motivo da minha tese de doutorado. Na tese de mestrado eu também trabalhava com proteínas de membranas externas de bactérias, mas mais a nível de análise de proteínas mesmo eu naquela época eu não trabalhava com DNA, comecei a trabalhar com DNA durante o meu doutorado, né? Então eu passei algum tempo fora, em Londres, cerca de três anos, né? E... E quando voltei, o centro já havia, se não me engano, mudado de tese, de sede, desculpe... bem, continuando essa, essa... de forma um pouco fragmentada porque isso aqui é ao vivo... Bem, muita gente pensa que fazer pós-graduação fora é necessariamente divertimento, né? Pode até que seja para algumas pessoas, para mim não foi, eu fui com minha esposa e lá eu tive uma filha que nasceu lá, então está lá no certificado de nascimento dela como, uma expressão interessante: “brasileira nata nascida em Londres”. Então, de fato foi duro fazer o doutorado, porque a gente tinha também o lado pessoal e de casamento e depois quando nasceu a Katarina que é minha filha mais nova né, que agora está com 5 anos. Então tinha essa parte também que a gente tinha que manter para manter o equilíbrio. E durante o doutorado, muitas vezes você se sente com estivesse numa batalha que você quer vencer a todo custo você às vezes pensa em se dedicar de uma forma quase integral mesmo, né? Então foi uma experiência muito interessante desse ponto de vista, né? Foi ao mesmo tempo enriquecedora porque eu tive acesso a um instituto de alto nível, um dos maiores da Grã Bretanha, né? E vi como se faz ciência em nível competitivo e superprofissional, mas ao mesmo tempo vi também a dureza pessoal, o preço disso, o preço de ter um título de PHD, né? Pelas questões pessoais, que a gente tinha que balancear o tempo que você tinha que se dedicar ao trabalho foi... então foi uma experiência, ao mesmo tempo... quando acabou...Então foi uma experiência que causou muita satisfação e ao mesmo tempo teve momento de muita dor, né e esforço - excessivo. Quando eu voltei ao Brasil, então a sede já estava aqui no campus da Cidade Universitária, né? E de fato a gente trabalhava em condições bem melhores do que quando eu iniciei. Mas mesmo assim o choque foi muito grande. A diferença de estrutura era notável e eu agora tô..., eu cheguei em 92, né? ... 93, 94, 95, 96. Estou com 4 anos depois do meu retorno e agora que eu acho que dá para fazer algumas coisas que eu fazia lá com rotina, então grande parte desse meu retorno foi gasto em termo de estruturação e readaptação ao ambiente de trabalho, né? E também não é só a parte de estrutura física, equipamentos e reagentes que a gente sente a diferença quando passa um tempo fora, de 3 anos, como foi o caso, né? Você vê também as pessoas, né? Elas encaram o trabalho e a ciência de forma diferente, né? E eu me senti e me sinto, ainda, um pouco meio estranho, né?

AM - Qual é essa diferença?

FG - A diferença é que o sistema de emprego lá, ele não é como aqui, você aqui consegue com uma certa facilidade uma posição permanente, né e lá nas universidades e institutos de pesquisa um percentual mínimo do corpo é que é permanente, eu estimaria por exemplo em 10, 15 ou 20% como tendo realmente contratos permanentes e geralmente essas pessoas são bastante experientes e bem distinguidas na área de atuação. E aqui não, aqui você consegue um posto permanente com uma facilidade relativa, né? Relativamente fácil conseguir isso, e você então, talvez não lute pelo seu posto como luta-se lá. Então além do profissionalismo que eles encaram a ciência lá o esforço também parte porque eles estão lutando pela sua própria vida e pelo seu próprio emprego, então isso fazem com que eles trabalhem mais, porque não é só pelo resultado, pela ciência é também pela vida deles porque a maioria não tem posto permanente e é submetido à avaliação de dois em dois anos, ou três em três anos e pode perder o emprego. E aqui não, aqui principalmente nos serviços governamentais, né? Você dificilmente é colocado para fora, isso inevitavelmente leva a uma certa acomodação, essa foi uma diferença que eu comecei a olhar melhor quando eu voltei, né? Que isso às vezes atrapalha quando você quer imprimir um ritmo mais rápido de trabalho, né? É... depois quantas eu cheguei, era o chefe de departamento na época o Roberto Fercoiser né e eu assumi a chefia do departamento em 8 de fevereiro de 1994 e já antes de assumir a chefia eu já comecei a tentar influenciar nos rumos do departamento e nessa questão de... de como encarar o trabalho, essa coisa toda, né? E tive a oportunidade de exercer isso de uma maneira mais direta como chefe de departamento, né? Mas tive também uma outra decepção, né? Desta feita a nível administrativo, né? Eu tomei consciência que nós no sistema governamental, né? Funcionário público do governo ou do Estado, quando você assume a posição de chefia ou de coordenação, você não tem os instrumentos gerenciais pra ... pra fazer com que o barco ande na direção que você acha que deveria andar , então isto causa uma frustração muito grande porque você quer fazer a coisa, mas tudo tem que ser feito de forma negociada como se eu tivesse que negociar e convencer o funcionário, o técnico ou o pesquisador que ele deve cumprir a sua função de pesquisador, de técnico, de cientista, professor, etc. Né? Então isto foi muito desgastante e eu também notei aqui que há um certo grau de burocratização nesses cargos, né que faz com que você se afaste um pouco da parte científica, então no momento eu tô numa fase de “in sites”, né? Eu tô aqui no processo de chefia do departamento, no momento é por eleição e eu fui reeleito agora por mais dois anos, dois anos, né? Por mais dois anos, né ... só que agora eu tô com a cabeça diferente, eu tô chamando mais a participação das pessoas e tentando fazer ver a elas que na verdade o destino disso aqui depende delas mesmo. E acredito também que você tem que aprender a trabalhar com as pessoas que querem trabalhar e ajudar e que paradoxalmente aquelas pessoas que não querem cooperar é melhor você deixar aonde elas estão até pelo menos que o sistema mude e permita você substituir ou atuar de maneira mais direta sobre elas, né? Então atualmente eu tô deixando as circunstâncias governarem a coisa e tô trabalhando com as pessoas que querem trabalhar e apoiando essas pessoas, estimulando essas pessoas, né?

A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição fortíssima de pesquisa, né? E o nosso centro também agora tá, acho que tá nesse patamar, não era a deis anos atrás, mas houve aqui uma modificação muito grande, né... E eu tô otimista, eu acho que é possível fazer pesquisa aqui de nível alto e em algumas áreas como nessa que a gente atua, né? Trabalhando com doenças de interesses regionais, doenças tropicais, eu acho até que em algumas áreas é possível competir com laboratórios grandes do resto do mundo.

Bem, mas vamos voltar um pouco, nesse fragmento de memória né, vamos voltar um pouco atrás, né? Algumas coisas que marcaram, né? Mesmo que necessariamente não veja relação com o Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães agora, né?

Mas por exemplo... a nível pessoal uma coisa muito dolorosa e que marcou foi a separação dos meus pais, né? Que acho que aconteceu quando eu tinha mais ou menos 13 anos de idade, então isso marcou bastante, na época eu não queria isso, mas eu não tinha poder de evitar isso então isso foi uma experiência que do ponto de vista pessoal, ela me marcou bastante, isso aconteceu aos 13 anos de idade. Acho que durante e depois da separação, os primeiros cinco anos foram bastante dolorosos, né? Então haviam algumas visitas estipuladas é... por juiz, né? Pela lei, né? Então eu fiquei com minha mãe, com meus irmãos, né? Nasceu um terceiro irmão, então naquela ocasião então eu tinha Carlos o do meio e Ronaldo o mais novo. Carlos seguiu medicina também e agora ele trabalha com radiologia intervencionista, né? Trabalha com catetas interferindo em processos que antes só podiam ser tratados por cirurgia, né? Então nesses cinco anos depois da separação realmente foi muito doloroso e as visitas pareciam meio artificiais, aquela coisa de obrigação e meio sem graça, né? E aquele conflito que sempre surge entre quem se separou, não é? Aquela guerra surda e você no meio, na verdade você querendo ficar com os dois e tendo que ser submetido a um crivo de ambos os lados, então foi uma época realmente bastante dolorosa. Bem, Graças a Deus isso foi superado, sendo superado com o tempo e atualmente a minha relação ela é boa tanto com minha mãe quanto com meu pai, evidentemente que sempre há alguns choques de conflitos de opinião e de posicionamento diante de algumas situações. Mas é... o relacionamento é bastante relaxado, tanto com minha mãe como meu pai. Meu pai agora é como se fosse um amigo mais velho, né? Então, aquelas visitas não existem mais, o que a gente faz é que quando a gente quer conversar um liga pro outro e liga pra Carlinhos que é meu outro irmão ou pra Ronaldo, eu ligo pra ele quando eu tô querendo tomar um wiskysinho, eu ligo: “papai tá fazendo o que aí? Não sei quê. Vamos tomar um wiskyzinho”. Então é realmente uma relação de... como se fosse um amigo mais velho, né? Então no momento isso, realmente aquela coisa dolorosa acabou e eu trato meu pai como um amigo mais velho, a gente se encontra na hora que a gente quer e sem marcar, às vezes a gente passa um mês sem se ver, às outras vezes se vê mais a míura, às vezes toda semana, então é uma relação mais de companheirismo, né?

Na parte profissional eu tenho também, né...

AM - Mais atrás você mais criança... que coisas lhe marcaram?

FG - Sim... como criança é... eu...

AM - Que acontecimentos aconteceram?

FG - ... A primeira recordação que eu tenho de criança era na R. Agrestina que fica ali no Parnamirim também, perto de onde eu tô morando agora que é a Laurino coelho, né? Bastante perto, talvez menos de 500m. Então as lembranças que eu tenho ali era que mais uma vez aquela coisa de multifacetário aparecia, né? Porque meus melhores amigos naquela época eram “maloqueiros”, não é... eram... eram pessoas de cor preta pobres, eu ali, deixa eu ver se eu me lembro da idade, não sei seis anos, alguma coisa assim, né? Então ao mesmo tempo que por uma pressão ou um condicionamento da família, né eu estudava e aquilo tinha uma importância muito grande na minha vida, naquela época eu me lembro, isso também tinha uma importância grande, né? As brincadeiras de bola de gude, de pião, de badoque, inclusive de polícia e ladrão jogando aquelas mamonas, né? Que é até perigoso que tinha uns espetinhos.

AM - Carrapateira?!

FG - Carrapateira! Então a gente brincava de ... com badoque e carrapateira, né? De polícia e ladrão, a gente inclusive, um aprisionava o outro com cordas, então quando começava essa brincadeira cada um escondia uma gilete no calção, que quando fosse aprisionado poder se soltar e voltar a brincadeira, né. Tinha uma casa ao lado que passou um tempo deserta, então a gente subia ao telhado, e realmente foi uma época interessante, né? Isso é o que eu mais assim lembro da infância mesmo.

AM - Até que idade você morou na rua Agrestina?

FG - Olha, ali eu estimo que eu morei até completar ..., eu não tenho esses dados bem na memória, mas talvez aos 7,8 anos, né? No máximo. Me lembro também de uma menina, uma vizinha minha que eu achava muito bonita, mesmo muito pequeno, né? Eu não tinha despertado pra nada, acho que eu tinha 6 anos, alguma coisa assim, né? E eu brincava com ela. Tinha uma planta, assim, grande e fofinha, então a brincadeira da gente, ela vinha correndo de um lado, eu vinha correndo do outro, né? Então eu me abraçava com ela e pulava em cima, do, da dessa ... desse arbusto, né? Então são as recordações assim ... mais antigas que eu tenho, né. Me lembro também naquela ... naquela, naquele ano, aquela área era meio deserta e me lembro também, meu pai viajando. Sim, meus pais viajaram pra uma ... um treinamento, uma pós-graduação no exterior, não sei se na *Harvard Universit*, alguma coisa assim e quando eu tinha 2 anos de idade, né? E não sei se nessa viagem ou noutras que eles fizeram, eles trouxeram coisas que tinham comprado lá, né? Aqueles *souvenirs*, né? E nesse dia a gente foi assaltado, né? Então eu me lembro também desse assalto, né? Me lembro também do ladrão escondido no pé de árvore, né? Essas são as recordações assim mais remotas que eu tenho da infância, que toda ela foi na rua Agrestina, né? É, então minha vivência toda foi urbana, né - Eu tava falando em *off* com Antônio, ele falando sobre vivência em área rural - minha vivência toda foi urbana e ... e bem, deixando a rua Agrestina eu me mudei pra um ... um outro local também próximo. As recordações que eu tenho lá são recordações mais de brincadeiras mesmo, né? Então os jogos mudaram, né, eu passei a jogar futebol e gostar de futebol, jogar botão também, havia campeonatos de botão, por coincidência nessa mesma rua moravam primos meus, então frequentemente eu ficava na casa deles por um tempo prolongado porque era a mesma família, né? E foi nessa rua e também dentro desse contexto que a gente tava vivendo na nossa casa e também na dos primos que ficava em frente, não me lembro agora ... na Flor de Santana, né? Foi mais ou menos no meio nessa época que veio a ... o desquite, né? Mas nessa rua o que me lembro de fato, era isso, era os meus *hobs*, eram jogar futebol, esses campeonatos de botão que a gente tinha e também umas coleções de carteira de cigarro que eu fazia na época, né? Então a gente vivia catando lixo ... *Chesterfild*, não me lembro agora, havia uma série de carteira de marca exótica que a gente achava, então a gente cortava de uma maneira apropriada e guardava tipo num álbum, então várias pessoas faziam isso e depois a gente se reuniam pra mostrar as nossas raridades que a gente achava no lixo, né? Algumas importadas outras não, né? Não me lembro, mas era curioso uma série de marcas que talvez não existam mais, né? Essa coleção eu não tenho mais comigo, né? Mas ... eu achava isso bastante interessante, né? Ter andado pelo lixo procurando carteira de cigarro, né?

É... depois desse período... depois desse período eu acho que eu não havia entrado ainda para o curso científico, eu me mudei pra rua que atualmente eu moro, né? Só que antes era uma casa e durante o período que tava em Londres essa casa foi, ela foi reformada e agora é um prédio com um

apartamento pra cada um dos filhos, né? Então minha mãe mora num deles e meus outros irmãos moram nos outros apartamentos, né?

Depois da separação meu pai teve dois outros filhos com a nova esposa dele e o relacionamento nosso com esses irmãos, ele, e é legal embora a intimidade não é tanta como os do primeiro casamento porque a gente conviveu mais, né? E esses meus novos irmãos eu vejo esporadicamente quando vou visitar meu pai, essa coisa toda e também é uma diferença de idade grande entre eles, né?

Bem... me mudei pra Laurindo Coelho na casa, não havia ainda esse prédio que só aconteceu nos últimos três anos e de novo aquela característica, né? Multifacetária aparecia, né? Então era uma rua que tinha pessoas ricas, mas tinha também, eu morava na última casa e era um bequinho, né? Então tinha ali também tipo uma favelinha ou pelo menos uns três casebres, né? Então eu era colocado diante das duas realidades, né? O pessoal... do meu nível social e também de educação e o pessoal mais pobre, né e isso é uma experiência... eu achei extremamente interessante porque do ponto de vista de brincadeira mais física, eu gostava de ficar com o pessoal mais pobre, que era a parte de jogo de futebol, por exemplo, os caras mais ricos não jogavam futebol e tinham medo de jogar com os “maloqueiros”. E eu ... tinha trânsito livre entre as duas tribos, né? Então a parte de futebol eu gostava muito de jogar com aqueles “maloqueiros”, gostava muito, né? E alguns eram, não sei se é amigos, mas próximos mesmo de mim, né? Desse pessoal que eu tô chamando de “maloqueiros”, sem querer, é ... colocar um tom pejorativo, né? Alguns deles ... atualmente são chefes de quadrilha, né existe algumas áreas lá de Casa Forte que ainda é favela, né? Eu não tenho mais contato com eles, mas alguns ... são chefes de quadrilha, alguns mais inteligentes, né? Outros já morreram baleados, né? Outros seguiram sua vida como trabalhadores mesmo, né? Mas eram uma coisa curiosa, né? Então era, eu ficava entre duas culturas, né? E na parte de programa, tipo festinha é ... pra dançar essa coisa, aí eu preferia sair com o pessoal mais da (int)...

Fita 1 – Lado B

FG - E eu queria ficar com a tribo que eu queria ficar, pras festas, essa coisa de conhecer meninas eu preferia ficar com o pessoal mais próximo de mim, NÉ. E havia algumas dificuldades culturais também de entender essas pessoas mais pobres, né? ... Eu me lembro, né? Na adolescência quando então eu estava despertando pro sexo, não me lembro se esse episódio se eu já havia tido minha primeira experiência sexual ou não, não me lembro bem acho que com 16,17 anos, acho que eu tive minha primeira experiência com 17 ou 18 anos, não me lembro bem, 17 ou 18 anos e ... e essa conversa eu não sei se eu tive com 16 ou 17, mas é ... eu já tava, né? O sexo já era uma coisa que me atraía e eu conversando com uma dessas pessoas mais pobres ... então eu tive essa conversa com esse cara que era do pessoal que vivia nos casebres, né? Então ele tinha uma conversa que eu não conseguia sintonizar, ele tava assim falando como em tom de ... de contando vantagem, né? Como se fosse uma coisa que deveria se orgulhar, né? Que ele tinha tido um relacionamento com um homossexual, parece que na Jaqueira naquela época era um deserto, né? Então ele tinha sido o agente ativo, né? Então ele contava aquela história ... como se fosse contando uma bravata de masculinidade, né? E eu ficava pensando: “mas rapaz esse cara ...” - um momentinho bem, a paradinha foi pra pedir a Antônio explicações sobre o grau de censura dessa fita, né? - Mas esse cara tava se vangloriando por ter comido o “cú” de um homem, né? Então isso eu não conseguia entender já como parte da minha cultura diferenciada, né? Então, de fato eu achei esse aspecto da minha adolescência,

interessante e eu pude construir talvez um contexto maior da realidade baseado nesses dois mundos que eu, mundos a gente convive ainda da pobreza e dos remediados e da riqueza, né? Então eu era adolescente, né?

A primeira experiência sexual que tive acredito que tenha sido com 17 ou 18 anos de idade, né? E ... evidentemente que naquela época as coisas não como são agora, então essa experiência foi com uma prostituta ali no baixo meretrício, realmente lá em Recife, né? No velho Recife, né?

AM - No bairro do Recife.

FG - ...No bairro do Recife ...

AM - Levado pelos amigos.

FG -. Levado pelos amigos, fui com um amigo meu do Nóbrega, Clarinho Távera, tô citando aqui o nome dele sem autorização, mas é curioso... eu agora me recordando, né? Eu me lembro mais ou menos como era a prostituta, né? Era feia! Mas o curioso é que depois dessa primeira relação eu não tava nem preocupado se era feia ou se não era, eu tava é extremamente orgulhoso, né? E eu voltando pra minha rua de ônibus e eu achando que agora o mundo todo era meu e eu tinha ganhado tudo, né? Então essa foi a minha iniciação sexual, né?

No Colégio Nóbrega, eu acho que eu já tava no Colégio Nóbrega nessa época, eu tive algumas namoradas, uma delas mais fixa, que eu namorei com ela até entrar no curso de medicina e só depois da formatura foi que a gente se separou, ela continuou em São Paulo eu retornei, foi quando exatamente eu tava me sentindo que não gostaria de continuar na clínica, eu achava às vezes... eu gostava de coisas mais objetivas, em parte, por causa disso é que eu tenha escolhido cardiologia, né? Mas muitas vezes você tinha que fazer entrevistas com o doente, né? E... e ele às vezes não era tão objetivo quanto a gente queria ser, como eu queria que ele fosse, né? Então eu achei que não era exatamente isso e eu procurei ciência que eu achei que era baseado em parâmetros mais lógico, mais racionais e coisas mais objetivos. Foi quando eu entrei no Centro, que eu já me reportei a isso, antes, né?... Voltando ao Bairro do Recife que é sempre assim uma coisa histórica e cercada de uma certa, uma certa áurea de curiosidade, né? Bem minha primeira experiência sexual foi lá, mas eu não tive tantas idas ao Bairro do Recife assim não, talvez eu tenha ido lá umas cinco vezes ao todo, né? Nessa época também eu não me lembro... sim eu tava envelhecendo já, já tinha mais de 23 anos, 24 anos, então tava também proliferando aqueles barzinhos né, eu agora tô um pouco por fora desse circuito, mas é... antes eu solteiro, né? Havia rotas específicas a seguir, né? Eu primeiro ia para um determinado bar, depois o Depois do Escuro, que ainda continua, não sei o que, não sei que... E então muitas vezes a preferência muitas vezes era, não aquelas farras com prostitutas, mas sair com amigos ou amigas pra esses barzinhos já em busca de relacionamento mais consistentes, com meninas que eu sei que queria realmente namorar, né? Então havia sempre essas rotas noturnas, né pelos bares da moda, né?

Com relação a experiência política, né? Eu não vivi a época do golpe de 68, eu não tinha...

AM - 64.

FG - ... 64, que se prolongou 68, 70, quando foi a abertura? Foi mais ou menos...

AM - Foi 84.

FG - ...foi 84, né?

AM - Mas o período duro foi de 64 a 75, até o período Médici, foi um período...

FG - ...Na época de 64 eu não tinha consciência política nenhuma na verdade eu nem me lembro a idade que eu tinha, eu acho que 16 anos, nem me lembro bem, mas o fato é que eu realmente eu não tava envolvido com isso o que eu me lembro eram os meus pais me aconselhando a não me envolver em nenhuma dessas conversas sobre política que a coisa tava muito dura eles mesmo na época havia uma certa dicotomia, né? entre a intelectualidade e a não-intelectualidade, né? E geralmente os meios acadêmicos eles tavam mais à esquerda, né? E papai e mamãe, apesar de não serem militantes, assim eles estavam a esquerda, né, então papai tinha vários livros de Marx, e livros relacionados à teoria marxista, né? E eu me lembro que em um desses dias, papai queimando os livros no quintal, ainda na Rua Agrestina - rapaz, curioso, então ainda era 68 - ainda na Rua Agrestina, ele queimando uma série de livros e eu não entendia, eu dizia: “pô o cara tá queimando os livros dele, pô”. Então eu tinha essa recordação, por conta disso eles tiveram dificuldade de viajar pro exterior por muito tempo, apesar de não serem ativistas, realmente militantes, ou terem sido guerrilheiros, mas simplesmente porque tinham esses livros e conversavam sobre essas ideias e estavam mais a esse lado, simplesmente por causa disso e parece que apoiaram Miguel Arraes quando ele tava pra ser deposto, né. Por conta disso o professor Guilherme Abath que era o meu pai, a professora Eridan Coutinho que é a minha mãe e atualmente a diretora do centro, tiveram dificuldade, toda vez que iam conseguir visto, iam conseguir visto na polícia federal e licença para sair por conta desse apoio por assinatura a Miguel Arraes, né? E no Nóbrega, também, eu me lembro numa aula de geografia, né? Em que a professora tava dando aula e provavelmente abordando de maneira convencional a coisa né, talvez como o governo quisesse, um colega meu se levantou no final da fila e começou a esbravejar, e ter reações que eu achava que era uma super-reação, ele dizia que não é nada disso, que as estatísticas tavam erradas e não sei que, que aquilo que ela tava fazendo tava na verdade dando sustentação a esse governo aqui que tava cometendo uma série de injustiças e crueldades, algum coisa nesse, nesse diapasão, né? E na época eu não entendi nada do que ele disse, eu na verdade eu fiquei pensando rapaz esse cara tá doido. Então de fato eu não tinha conscientização nenhuma naquela época, né, o...a consciência começou a se formar na universidade e paradoxalmente depois que eu saí da universidade e comecei a ter experiências fora da universidade, né, depois que eu comecei a dar mais valor a dinheiro mesmo, não é, e receber dinheiro, né, então a gente via realmente que você não recebia, né, pelo valor do seu trabalho, né, havia uma série de coisas envolvidas e você começava a questionar de maneira mais forte o sistema, né então depois da universidade é que eu acho que eu criei uma consciência política maior e me, coloquei mais a esquerda, não é, essa coisa ela vai em evolução, né, atualmente apesar de eu sempre gostar de contestar valores fixados, né eu gosto de contestar valores fixados, isso não está acontecendo só com relação a valores capitalistas não, no momento estou contestando valores fixados marxistas ou esquerdistas, né? Então atualmente eu tô numa posição meio assim, meio isolada né, na verdade criticando as duas... os dois lados, algumas vezes apoiando um lado ou às vezes apoiando um outro, tendo mais uma posição que é minha mesma, que eu acho que é adequada, né?

Houve uma certa época da minha vida, ainda com relação a essa coisa de consciência política, engajamento, né? Eu não participei, mesmo mais tarde né, eu não participei de nenhum movimento de... desses movimentos armados, né? Eu não participei de nenhum deles, né? Mas algumas vezes eu cheguei a pensar que eu gostaria de ter vivido aquelas épocas com a cabeça que eu tenho agora,

talvez eu tivesse participado talvez não de uma forma tão violenta, mas seguramente mais ativamente, tentando influenciar naquele processo todo não é, que caracterizou aqueles anos de 64, a 70, 76, por aí, né? Ainda com relação a essa coisa de sonho, né? Eu também mantenho aquele sonho, por exemplo com relação a década de 60 que eu também não vivi, é, com a consciência formada, né? E eu achava que talvez tenha sido uma década mais maravilhosas e produtivas que o mundo já experimentou, né? E eu às vezes, eu me sinto muito não tá lá naquele momento, né? E ter oportunidade de ter tantos sonhos quanto houve naquela época. E eu costumo dizer que a década de 60 era a época dos sonhos né, a de 70 era a época que as pessoas tão tentando fazer dos sonhos a realidade, realmente de maneira concreta e a década de 80 é a década que mostrava que alguns sonhos de fato não poderiam ser atingidos, né? Então essa década que a gente vive ela, pra mim, é uma década muito chata, né? Porque você perdeu a crença em muitos dos sonhos que você gostaria de ter tido, porque você não viveu, então você tá proibido de sonhar, o que não havia em 60, né? Então, eu achei que isso é muito ruim no ponto de vista de criatividade, né? E talvez isso interfira nas novas gerações de cientistas em termo de ideias e criatividade, eu não sei se a nova geração de cientistas, ela é tão criativa como a de cientistas anteriores que nessa área, como em todas as outras, né? A coisa tá caminhando para parte tecnológica para o tecnicismo, né? Então às vezes não sobra muito espaço para àquelas ideias bastante criativas que eu achava que caracterizava a década de 60 em vários aspectos, né? Musicais, costumes, parte de literatura, etc.

Passando para a parte ligada a artes, apesar de ter sido estimulado pra isso eu realmente, eu não tive oportunidade de, de aprender a apreciar muito a arte como eu queria, não. Embora eu me lembre, né? Na época papai era mais novo, né? Eu lembro que às vezes ele se reunia com amigos, né? pra beber whisky, né? E sob... grandes sinfonias, Bethoven, e vários outros autores famosos, né? Eu gosto de... Um pouco de música erudita, mas de fato eu acho que falta alguma coisa que eles tiveram na formação e eu não tive, pra você apreciar é preciso saber um pouco, né? Pra você, por exemplo, gostar de uma música de Bethoven, de fato, às vezes é importante saber em que condições ele fez aquela música é, que motivações ele teve pra fazer aquela música e essa oportunidade eu não tive, então eu gostaria, do ponto de vista artístico, é, ter sido mais enriquecido e ser mais rico, né? Eu gosto de fazer algumas poesias que, é, não sei se tem valor literário, na verdade, mas é que eu gosto de ver e lê-las depois, às vezes 2 anos, 3 anos depois, né? Na verdade, o que eu acho é que elas podem ter valor intimista, geralmente são poesias que eu lendo elas, eu me lembro de coisas que, que me motivaram a fazê-las, né? Então eu gosto de poesia e, eu gosto também de ler poesia, mas não com essa avidez e, de citar inúmeros autores, já com detalhes de estilo, não. Esse meu lado artístico foi tolhido em parte pela ênfase que eu dei na educação formal de escola e que provavelmente vai ter que ser reformulada porque eles não sabiam inculcar isso, então as coisas que eu... não é perder tempo estudando, mas que eu me dediquei mais para estudar, era química, física, matemática, etc., etc. E com isso o tempo que eu poderia me dedicar a ler vários romances de vários autores ler mais poesia mesmo ou ouvir mais música, esse meu lado, em parte ele foi podado porque eu me dediquei mais a parte tecnicista que eu tento reparar agora com maior ou menor grau de sucesso.

Dentro dessa coisa de marcar, né? Como eu gosto, às vezes, de lembrar das épocas não vividas que eu gostaria de ter vivido, né? Às vezes quando eu digo pra alguém, as pessoas se surpreendem, né? Por exemplo, uma banda, The Doors, por exemplo, que eu acho que era da época de 70, eu acho, né? O vocal morreu muito cedo, né? Com 28 anos de idade, né? Drogado, né? Eu tenho um particular gosto por aquelas músicas, né? E aí alguém diz: “não, mas são músicas tristes, são músicas de Rock roll...”, sim, mas são músicas muito bonitas, né? Se você sabe inglês...

AM - Gim Morrison, né?

FG - Gim Morrison era o líder do The Doors, né? Então se você pega as letras daquelas músicas, elas do ponto de vista artístico e poético, elas são muito bem elaboradas, né? E de um grau muito elevado de intelectualidade.

AM - Você ouvia aonde essas músicas?

FG - Eu passei a ouvir através do meu irmão mais novo, o Ronaldo. Então eu peguei alguns gostos com ele, porque foi exatamente na época que eu tava... eu achei que a parte artística era fraca, né? E eu tava tentando alargar esse mundo, como eu tinha passado a minha época eu peguei os ventos deles, né? Então eu tinha a oportunidade de ver, alguma que ele escutava, a maioria eu não gostava, mas algumas me chamava atenção e eu ia fundo, né? E comprava vários discos, coisa e tal, né? E lia um pouco sobre a vida dele, né? Curiosamente, um grande inspirador dele era o Audous Huxley que ele deve o nome da banda, né? Um dos livros do Audous Huxley foi *The Doors of Perceptions*, então essa era uma área também que me interessava, uma certa época me interessou, essas experiências de intelectuais com drogas psicodélicas, né? É... o próprio Audous Huxley, aquele, depois aquele Castanheda, né? E o Audous Huxley era genial, né? Ele e o avô dele, né? Então eu sabia que aquele cara tinha ele como inspirador, eu tinha que ouvir, ver o que o cara tinha a dizer, né? Então eu gostei muito disso, né? E também tinha um outro poeta que eu li só alguns versos, né? Chamado William Blake, acho que é britânico, mas é poeta místico, também maldito, né? Então isso faz parte de uma tendência que eu tenho um pouco iconoclasta, né? Eu não gosto de coisas muito fixadas, né? Esses dogmas assim, embora eu tenha que trabalhar com alguns dogmas, mas é... até como parte da minha profissão eu tenho destruído dogmas, né? E isso também é parte da minha pessoa, eu não gosto muito de coisas muito fixadas é," é assim, tem que ser assim " , então esse lado iconoclasta, um pouco maldito assim, eu admiro esses caras, então se eles não fizeram nada útil pelo menos essa coisa de destruir alguns mitos ou arranhar alguns dogmas, eles fizeram, né? Então, por isso já eles merecem a existência que eles tiveram, né? Então na parte artística... eu sempre fui movido a procurar essas pessoas, não é? O Jean Paul Sartre, também agora estou me recordando de algumas outras coisas, né, algumas coisas também de Simone de Beauvoir, o existencialismo, né? Pouca coisa de Nietzsche, embora o meu pai agora tá, tá interessado nisso, tá fazendo vários ensaios quase que profissionalmente que ele tá aposentado, né? E tem tempo pra isso. Ele atualmente preside a Sociedade Pernambucana de Médicos e Escritores, né? Então ele faz questão de que seja identificado dessa forma, né? Então esses autores meio malditos, eu sempre fui atraído a ler um pouco se eu achava interessante eu continuava, se não... se eu conhecia um pouco e largava, né? Então esse é um outro lado forte em mim, em mim, de não gostar muito de mitos, né? E poder quebrá-los quando eles forem fortes o suficiente, né? Né? (int) Talvez outra colocação que, que eu queria, gostaria de fazer agora pra finalizar, tem a ver com meu avô, né que foi falecido, mas que, eu acho que exerceu muita influência sobre mim, né? Então eu me lembro, né? Mesmo em épocas que eu já tinha consciência política e fazia algumas críticas aos militares. Ele era militar, né? E aquele militar, meu avô, ele não podia ser alvo das críticas que, que se fazia de maneira generalizada de autoritarismo, ou de crueldade, ou de arbitrariedade, desonestidade, nada disso. Porque eu conheci ele muito bem, né? Quando eu era pequeno ele ficava contando aquelas histórias, ele era um cara extremamente, é, patriota, extremamente honesto, era até aberto, é, ficava triste quando ele via que alguma "merda" tava acontecendo, que era culpa dos militares, né? Depois que ele se aposentou, né? Todo 7 de setembro... eu me recordo disso... e também isso me emocionava um pouco, né? Então ele sentava na televisão pra assistir os desfiles todinhos, né? E ele chorava durante os desfiles, né? Ele chorava,

é, quer dizer, ele tinha aquelas músicas, daquelas músicas militares, né? Ele não chegou a lutar na Segunda Guerra Mundial, né? Por muita sorte, né? Mas ele já tava em vôo atravessando o oceano quando veio a notícia de que a guerra tinha terminado, então ele voltou, mas ele participou daqueles movimentos revolucionário, então vem esse lado também, que eu... de aventura, que algumas vezes eu queria viver, eu talvez não tivesse tempo de viver, ele viveu, eu gostava de ver nele. Eu achava vovô realmente, um homem realmente completo, porque aos 13 anos... então isso me marcou, como pessoa, né? Como pessoa isso me marcou... Aos 13 anos ele tava fugindo de casa embora não tenha rompido, mas ele quiz sair de casa por alguma razão, que eu não sei, não é? Então a partir dos 13 anos ele se virou sozinho, ele foi pra Amazônia trabalhou muito tempo lá, como... seringueiro, pegou malária no Amazônia e tudo aquela coisa, né? Depois voltou, entrou pro exército, não entrou por academia militar, né? Entrou de baixo e conseguiu ir até a patente de capitão, coronel, vindo de baixo, realmente por mérito, né? É... participou daquelas revoluções, é de apoio a Juarez Távora, acho que na década de 30, não sei bem, né? E por conta disso eu gostava de ouvir ele contar as histórias dele. Eu via as marcas de bala, ele tinha 8 marcas de bala no corpo, né? Eu achava aquela coisa, uma coisa sensacional, né? Ele contando que ele tomou um quartel que havia ali, onde era o Nóbrega, acho que na Soledade, né? Ele tomou o quartel com poucos soldados, mas é, mas o pessoal do quartel achava que ele tinha muitos soldados. Então ele foi no peito e ele dizendo: “Agora eu vejo que foi uma loucura, porque eu não tinha contingente pra invadir um quartel, e tomei o quartel, tomou o quartel com poucos homens, né?” Ele me conta, me contou, eu perguntava também a ele: “mas vovô, mas você já matou alguém, vovô?” É... isso ele não respondia, isso ele nunca me respondeu, nem sim, nem não, era uma coisa que ele não respondia, mas ele me contou uma vez uma coisa, né? Que fazia cada vez mais eu admirá-lo, né? Eu acho que foi nesse, nesse evento da tomada do quartel, ele teve o comandante do quartel sob mira, né? E na hora de atirar ele não conseguiu e desviou e atirou por fora, né? Aquele sentimento talvez de lealdade, né? Na verdade tava ali um colega dele, só que tava naquela ocasião em dois lados, mas era um militar como ele e ele não conseguiu atirar no comandante sob mira e no final, ele tomou o quartel, e o comandante veio a ele e disse: “tudo bem(int)... é seu, você pode dar as ordens que você quiser ao meu pessoal, pode ordenar pra eles entrarem na, na prisão, que você tomou o quartel”. E ele respondeu para o comandante: “não comandante, eu tomei o quartel, mas seus comandos continuam seus comandos, dê você essa ordem a eles, deles irem pras prisões se trancarem porque essa ordem eu não vou dar, porque você é comandante do quartel, eu tô tomando só o quartel não tô tomando seu comando.” (risos). E então realmente essa figura me marcou muito na vida, meu avô. Essa parte de atitude assim, né? Porque de um lado meus pais essa parte mais de intelectualidade, academicismo, não é? E essa outra parte era uma parte de ação, né? De atitude, de aventura, então eu queria finalizar com esse depoimento final e essa homenagem também que eu presto a ele, fazendo ver minha admiração por ele.

AM - Tá! Bonito, né?